

PICA-PAU

O TESTEMUNHO DO PICA-PAU

Ligue a televisão nos canais abertos e você vai encontrá-lo em algum momento. De manhã, numa emissora, lá está ele. Cabelo vermelho, bico amarelo, pelagem azul e branca. Começo da noite, ele aparece de novo. Dependendo do dia da semana, em um canal concorrente, surpresa! Lá também está ele, em outra versão, mas com o mesmo grito de guerra: “ê-ê-ê-ê-ê”.

O Pica-Pau, quem diria, virou arma na briga pela audiência das emissoras de TV. A versão mais antiga é a de personagem desmiolado, que se mete em confusão e gosta de incomodar o vizinho. Já a mais nova tem família, parentes, e se envolve até em aventuras espaciais. Mas a essência é a mesma. E a constatação uma só: é possível criar o que há de mais moderno em animação, porém os antigos desenhos sempre agradam.



Aliás, não só agradam como são sinônimo de sucesso.

Assim sendo, eu imagino que em breve vão convidar o Pica-Pau para visitar uma Igreja perto de você.

Vai ser num domingo, com o templo cheio de irmãos e irmãs. Ele vai chegar e se sentar ao lado do pastor e do dirigente do culto. Vamos ver a curiosidade nos rostos e uns cochichos na congregação. Na hora apropriada, vamos passar a palavra para ele, e o Pica-Pau vai dar seu testemunho de vida.

Vai dizer como fez muito sucesso no passado, quando era jovem e sem muita sabedoria, e como trazia sorriso aos rostos das crianças e adultos. Contará histórias como a vez que tentou descer as cataratas dentro de um barril. Ou da perseguição da bruxa que subia em uma vassoura e dizia: “E lá vamos nós!!!”. “Tá amarrado!”, clamarão alguns. O Pica-Pau também lembrará de um período em que ficou no limbo, abandonado, até que resolveram ressuscitá-lo – talvez ele se compare até a Lázaro!

O Pica-Pau dará um brado de vitória quando encerrar sua pregação, dizendo que hoje faz sucesso na TV aberta e que se não fosse por ele, a guerra pela audiência estaria

perdida. A congregação vai dar um sonoro “amém”, porque só os céus poderiam derramar tanta bênção a alguém.

Com o Pica-Pau, no culto, teremos o momento de adoração com a participação de um ministério de dança. Que é novo em algumas igrejas, mas velho na Bíblia. A dança já estava com Miriã, que adorou a Deus com tamborins e gingado.

(E aqui abro um parêntese. A Bíblia não fala se Miriã era gorda ou magra, se usava roupa solta ou justa, se estava maquiada ou mesmo quanto tempo ensaiou para sua dança. Hoje temos que nos preocupar com tudo isso. Com o desafio de não deixar nem um pensamento de adoração se desviar demais e ficar só preso aos rodopios... aos braços e pernas soltas... ao movimento... e... ao quê mesmo? tem que pensar no quê?)

Para introduzir o ministério de dança, o Pica-Pau vai trazer o shofar para ser tocado, aquele o chifre de carneiro, que traz o Espírito Santo ao templo. Uau, que berrante invocado! Eu já toquei um, várias vezes, lá no sítio do meu tio, em Jambeiro, interior de São Paulo. Mas era de uma vaca comum, nada tão santo assim – a menos que eu estivesse na Índia, onde as vacas... bem, esquece.



Que genial é esse shofar, não é mesmo? Dá para tocar com qualquer instrumento, até sem afinação! Mas isso não tem nada de novo, porque lá no Antigo Testamento - aquele, o Velho, lembra? - também vemos que havia um chifre como esse.

E ... bem.... isso quer dizer que não há nada de muito novo por aí?

Acho que não.

O próximo carro a ser lançado é uma versão daquele que existe há mais de uma década e de novo tem pouca coisa. E escuto na televisão que uma escola de samba encantou a platéia este ano apresentando um samba que é antigo. O conjunto X relançou as músicas com as quais fez sucesso há vinte anos. Na hora de assistir televisão a cabo, tem um canal que anuncia as suas vantagens: “aqui você só vê seriados antigos”. Ei ! E nos outros? Também não é só isso que vemos, uma centena de reprises?

Releituras, modernizações, versões, novidades que não são novas.

Temperos que tentam dar novo gosto ao que achamos ultrapassado, velho, e que nos agrada por um breve instante. Breve sim, porque o Pica-Pau logo vai cansar o público, de novo. Até o Chaves já entrou e saiu do ar tantas vezes...

Nas igrejas, logo a dança vai cair na rotina. O shofar vai ser esquecido. A unção disso ou daquilo vai ser superada. Como um carro que fica fora de linha e o seriado novo que já vai parar na sessão “retrô”.

As roupagens vão envelhecer. Forma e conteúdo são uma grande luta da humanidade. Será que os conceitos esgotam-se? Se não se esgotam, onde a inspiração foi parar? Se não foi perdida, onde está o verdadeiro conceito?

Eu não quero uma nova dança na Igreja.

Quero mudança, e que ela brote a partir da minha vida.

Eu não quero um shofar.

Quero chocar, provocar, protestar contra um sistema que torna a adoração cada vez mais rasa e turva em seus conceitos.

Eu não quero ouvir testemunhos, como o do Pica-Pau.

Quero eu testemunhar vivendo o que creio e crendo naquilo que busco viver.

Eu não quero uma diversão de coisas antigas.

Quero me divertir sem precisar de coisas novas.

Mudam as relações, mas os sentimentos são os mesmos, os conflitos não se alternam. Nossos defeitos até mudam de nome, e um dia já foram chamados de pecado. E nossos pecados hoje nem são mais chamados assim, viraram falhas de caráter, imperfeições.

O que me conforta? Que tem uma coisa que não poderá jamais ser alterada. “*Eu, o Senhor, não mudo*”, Malaquias 3:6. Deus não cabe em nova roupagem, versão ou repaginação. É único, clássico na sua essência.

Por isso, não se deixe levar por qualquer conceito longe desse. Nem que seja preciso receber o Pica-Pau na sua Igreja, para manter seu coração atento.



www.deusnogibi.com.br